

## EVENTO

## Arte de contestação agora vende cigarros

NELSON DE SÁ  
da Reportagem Local

Gerald Thomas, o diretor teatral, e Paulo Borges, o produtor do Morumbi Fashion, se abraçaram na entrada, no caminho de todo mundo. A fotógrafa levantou a câmera e começou.

Eles se beijaram na boca, depois se beijaram mais, de farra, e se beijaram e beijaram, porque chegaram mais seis fotógrafos — cada um queria mais da cena. Durou uns cinco minutos e, quando terminou, uma fotógrafa ainda pedia para continuarem, que ela estava trocando o filme.

Foi uma das “performances” não-programadas do evento “Uma Noite de Tempestade e Ímpeto”, anteontem na quadra coberta de tênis do estádio do Pacaembu, em São Paulo. Performances que, programadas ou não, foram mais para as câmeras do que para o público.

Entre outros, representou mais para os fotógrafos do que para os espectadores, que mal ouviram o que disse, o poeta Wally Salomão. Num praticável, ele corria de um lado a outro declamando para uma dezena de flashes.

Dizia: “Já não me habita nenhuma utopia/ animal em extinção...”. Num evento que dizia celebrar a “Arte de Contestação” ao lançar maços de Carlton inspirados em movimentos como o expressionismo, o velho contestador dos anos 60 era um consciencioso “animal em extinção”.

O conflito óbvio entre a “contestação” e a campanha de marketing do cigarro foi o que Gerald Thomas buscou sublinhar, criando um teatro de mídia cujo nó dramático foi a “performance” do beijo. A cena com Paulo Borges, diretor-artístico do evento, foi parte de um espetáculo que supunha um pretense ato de censura contra a performance, esta “real”, da Cia. de Ópera Seca.

As declarações. “A política (do evento) não me tinha sido explicada”, disse Thomas. “Falaram ‘contestação’, ‘contestação’, então eu contestei. Escrevi que Hélio Oiticica não deu seu sangue por uma caixinha (de cigarro). Chamava o público de ‘seus babacas bêbados’, falava de ACM. Mas não foi como em Curitiba.”

No Festival de Teatro de Curitiba, o diretor contestou a direção da mostra com um texto no meio do espetáculo. Segundo Thomas,

não houve censura da Souza Cruz, agora, embora essa tenha sido a palavra que usou, de início. Foram feitos cortes de comum acordo — e a “performance” caiu de 16 minutos para 5. Thomas: “No futuro, que eles usem a palavra certa. Não me incitem com a palavra contestação”.

Paulo Borges, que é célebre pelo Morumbi Fashion mas que conhece o diretor de outros tempos,

ele que co-produziu o espetáculo “Don Juan”, tem outra versão, que expressou até rindo. “Não houve restrição nenhuma”, disse. “Ele tem a anarquia, eu tenho a diplomacia. A restrição minha foi no tempo, jamais no sentido do artista. Mas eu sei que existem coisas que a empresa (Souza Cruz) tem de respeitar.”

Borges, ouvido num intervalo, em meio à solicitação de outros re-

portantes, não vê conflito nenhum na mercantilização da “contestação”. “Hoje o grande mecanismo do mundo é o marketing. Empresas muito grandes tendem a investir na arte. Meu talento é usar essas empresas. Maior ou menor contestação, vai precisar de uma empresa que financie.”

Sobre a “curadoria”: “Eu não sou um pesquisador de arte. O meu lance é sacar isso (aponta pa-

ra a aglomeração)”. Era uma festa, não uma noite de arte, embora Wally Salomão chamasse Borges de “Olívia Guedes Penteado pós-moderna”, referência aos saraus modernistas dos anos 20.

O poeta se disse até feliz pela balbúrdia durante sua performance. “Sou amante do barulho, da fuzarca.” O colunista José Simão, diante dele, concordou: “O poeta é isso. Tem de estar aqui”.



Adriana Elias/Folha Imagem



Acima, Gerald Thomas e Paulo Borges se beijam; na esquerda, Wally Salomão declama; ao lado, atriz na performance da Cia. de Ópera Seca

Quando ao Carlton, o cigarro que adotou a “contestação”, disse Salomão: “Não sou de cigarro careta. Só estou fumando este aqui (um cigarro de cravo) porque maconha não podia. Mas, se um cigarro está patrocinando poesia, é uma ação para o bem”.

O público assistiu Salomão, como tudo, de copo na mão, conversando. De vez em quando, ensaiava gritos que não se decidiam entre apoio ou vaia. Brenda, drag que estava ali porque no seu trabalho “conta muito isso, de aparecer”, quando questionada se gostava do poeta, no meio do bate-estaca, confundiu Salomão com St. Laurent e disse apreciar muito. Sobre a “Arte de Contestação”: “É a minha cara”.

Ela estava lá pela festa, também a razão para a presença do artista Guto Lacaz: “Em princípio, é bom fazer festa. É uma ótima forma de gastar dinheiro”. Daniel Ribeiro, ator de “Rent” e diretor musical de “Casas de Cazuza”, também não tinha o que dizer sobre a contestação: “A gente acabou de chegar do Rio. Não sabia nem que estava rolando esta festa”.

Quando à festa, propriamente, ela demorou para pegar, embora muita gente se acotovelasse no corredor de entrada. Dançou-se pouco, apesar de DJs como Mau Mau e Marcos Morcef.

E quem foi só pelas performances, como a artista Tomie Ohtake, não suportou o house: andando com muita dificuldade sobre os galhos de pinheiro do longo corredor, ela saiu à meia-noite, ao saber que a “opereta” de Gerald Thomas só entraria às 2h.

Os cinco minutos da Cia. de Ópera Seca ensaiaram a “contestação”, mas afinal contida, bem comportada. Os atores, com figurinos de Alexandre Herchovitch e iluminação de Maneco Quinderé, na arquibancada da quadra, moviam os lábios com o que pareciam palavras, sem palavras, dirigidos aos espectadores.

Em off, o diretor fazia um discurso, na inflexão de Caetano Veloso no famoso desabafo de “É Proibido Proibir”, com vagas e quase inaudíveis ofensas ao público e à própria “Noite de Tempestade e Ímpeto”. Citou Glauber Rocha, Tarsila do Amaral e outros contestadores que não teriam morrido para dar desculpa a um evento de “consumo”.

Numa parede, letras grandes diziam: “Não é uma obra de arte”.